

Nasce uma estrela

Carlos Alberto Mattos

QUANDO SE FALA DOS DIAS DE HOJE COMO A ERA DO ENGODO publicitário e dos factóides de marketing, esquece-se de que a prática vem de muito tempo atrás. Tome-se o exemplo da atriz e produtora Carmen Santos, um dos ícones máximos do cinema brasileiro nos anos 1920 e 1930. Por volta de 1925, ela era uma absoluta celebridade sem que o público jamais a tivesse visto nas telas. Os três primeiros filmes que estrelara eram incógnitas completas: Urutau, um drama sobre índios, missionários e tentação sexual, desapareceu junto com o seu realizador, um certo W. H. Jansen; A Carne, adaptação do romance de Júlio Ribeiro, e Mademoiselle Cinéma, baseado em Benjamin Costallat, ficaram inacabados e os negativos arderam num incêndio.

A despeito disso, fotos de Carmen Santos tingiam as folhas dos jornais, os fãs se desdobravam em cartas. Carmen possuía dinheiro, fama e um senso de publicidade pessoal comparável ao das stars hollywoodianas. E ainda tinha atrevimento suficiente para representar um novo ideal de mulher na acanhada sociedade carioca de então. Fumava em público, explorava um gestual cheio de sensualidade e ousava viver com o ricaço Antonico Seabra sem ter antes passado por uma igreja. Adhemar Gonzaga, Humberto Mauro e o crítico Pedro Lima babavam na gravata diante de tanta extravagância. Poucos anos mais tarde, a levariam para a Cinédia.

A história de Maria do Carmo Gonçalves, a portuguesinha de Trás-os-Montes que se transformou na primeira grande diva da nossa cultura cinematográfica está contada com apuro em Carmen Santos – O Cinema dos Anos 20, da pesquisadora Ana Pessoa

(Aeroplano, 2002). O livro é mignon como ela, gostoso de segurar, ler e folhear. Está ilustrado com profusão e elegância. E – o melhor de tudo – contém informações inestimáveis sobre uma época de muitas mudanças na sociedade brasileira.

Ana Pessoa vasculhou coleções de revistas, cartas e arquivos de cinematecas. Colheu depoimentos e referências esparsas sobre filmes desaparecidos ou nunca concluídos, refazendo a realidade e o imaginário de todo um período. Empreendeu um esforço admirável no sentido de confirmar dados pouco confiáveis numa época de muitas mentiras e mistificações. Algumas delas perpetradas pela própria Carmen. Falando de seu primeiro teste para o cinema, por exemplo, ela costumava dizer que fora chamada depois de ser vista descendo uma escada pelo corrimão para imitar Mary Pickford. Em depoimento posterior, ela já investia na imagem de coitadinha: “Sim, até então nunca tinha ido a um cinema, nunca tinha visto um filme! Eu era tão pobrezinha!... A primeira fita que vi em minha vida foi a em que trabalhei”.

Em 1931, após fazer uma ponta sem crédito em Limite, Carmen partiu para produzir o que seria o filme seguinte de Mário Peixoto, o conturbado Onde a Terra Acaba . O projeto não passou das primeiras semanas de filmagem. Um mistério envolvendo razões pessoais (de saúde? Drogas? Afetos?) levou ao rompimento da dupla. Ana Pessoa evita aprofundar-se no episódio, neste que é o único senão de sua excelente pesquisa. No mais, descontado o excesso de notas de fim de capítulo, trata-se de um trabalho de mestre.

A trajetória de Carmen Santos, combinando perspicácia mercadológica, disposição empreendedora e defesa épica do seu ofício (“Cinema brasileiro é uma questão moral, e não material”, proclamou certa vez, num discurso), é contada contra um duplo pano de fundo: de um lado, a busca de modernização e afirmação do cinema brasileiro; de outro, a liberação dos costumes femininos nos anos 1920. Figura e fundo se mesclam como numa fusão (a imagem, precisa, é de José Carlos Avellar na introdução do volume). O surgimento da revista Cinearte e da Cinédia, a luta pela lei do complemento nacional, a erotização do visual cinematográfico e a conquista do espaço público pelas mulheres são fenômenos com os quais Carmen Santos dialogou intensamente. A estrela de Sangue

Mineiro, Favela dos Meus Amores, Argila e Inconfidência Mineira é retratada nos seus anos de militância e esplendor, enquanto o país à sua volta caminhava para a Era Vargas.